



RELAÇÕES DE GÊNERO, RAÇA, CLASSE E DESIGUALDADES SÓCIO-OCUPACIONAIS EM SALVADOR

Antonia dos Santos Garcia¹

Introdução

Sexismo, racismo e classismo são construções sociais milenares e universais, mas ao longo de séculos ficou subsumido na categoria de classes sociais. A centralidade nesta categoria de análise tem invisibilizado a natureza de outras desigualdades, ou seja, as desigualdades de gênero e raça, não se restringem às classes sociais. Contudo, nas últimas décadas houve questionamentos desse sujeito único como explicativo das condições desiguais vividas pelas maiorias negras e femininas em todas as sociedades. Assim, para enfrentar os desafios do século XXI, século da reparação, é crucial que as Ciências Sociais contribuam para dar maior visibilidade às desigualdades de gênero e raça, já que as políticas universalistas não têm reduzido os abismos raciais e de gênero. É verdade que nas últimas décadas, os movimentos sociais tem produzido discussões que envolvem tanto as práticas feministas quanto anti-racistas numa tentativa de buscar teórica e empiricamente um questionamento do conceito de classe como único na explicação das desigualdades sociais. Contemporaneamente analisa-se a opressão feminina no interior das relações de gênero, provocando a necessidade de se compreender o papel da mulher dentro de cada grupo, no interior das classes sociais tanto hegemônica como contra-hegemônica. Da mesma forma, avança-se acadêmica e politicamente sobre o papel do racismo que ao contrário de recuar, tem se reciclado e aumentado em todo o mundo como afirmam Jordi Borja e Manuel Castells (1997, p.1-3) sobre os últimos anos do século XX, no processo da globalização da economia. Para os autores, a aceleração do processo de urbanização e metropolização têm incrementado a pluralidade étnica e cultural das cidades, através das migrações. “O global se localiza de forma socialmente segmentada e espacialmente segregada” Para eles, o racismo e a segregação urbana existem em todas as sociedades, embora com perfis diferentes. Entre os países latino-americanos, observam que:

(...) o Brasil é uma sociedade multicultural, em que os negros e mulatos ocupam os níveis mais baixos da escala social. Porém, ainda que as minorias étnicas também estejam espacialmente segregadas, tanto entre regiões do país como no interior das regiões metropolitanas, o índice de dissimilaridade, a que mede a segregação urbana é mais inferior aos das áreas metropolitanas norte-americanas (BORJA e CASTELLS, 1997 p. 8).

¹ Professora e pesquisadora associada/NEIM/PPG/FFCH/UFBA e CNPq/NPEL/IGEO/UFBA
antoniagarcia@terra.com.br



Embora seja importante o reconhecimento deste problema em escala planetária, a cidade sexista e racista em geral não tem sido objeto dos estudos urbanos e em outras áreas das ciências, mesmo as humanas. No que se refere às particularidades do racismo brasileiro, sempre fugidio, embalado pelo manto do mito da “democracia racial” conforme Guimarães, pode ser assim caracterizado:

o racismo brasileiro atravessou, grosso modo, duas grandes fases: a discriminação racial aberta, mas informal, secundada pela discriminação de classe e de sexo, que gerava segregação, de fato, em espaços públicos e privados (praças, ruas, clubes sociais, bares e restaurantes, etc.); e a fase atual, em que com a discriminação e a segregação raciais sob mira, apenas os mecanismos de mercado (discriminação de indivíduos e não de grupos) ou psicológicos de inferiorização características individuais (autodiscriminação) permitem a reprodução das desigualdades raciais (GUIMARÃES, 1999, p. 210) .

Nesse contexto, entendemos que a discriminação racial e de gênero não se esgota na exploração de classes, e que o racismo à brasileira tem contribuído para perpetuar as desigualdades raciais através da retórica anti-racialista, que naturaliza tanto as desigualdades raciais como as sociais, confinando amplos segmentos negros a posições inferiores na hierarquia social, assim como o sexismo igualmente naturalizado e capilarizado na sociedade perpetua as desigualdades de gênero. Neste artigo, analisamos a associação entre a estratificação social e a estrutura urbana, focalizando a variável ocupação, para entender como a estratificação de gênero, de raça e socioeconômica dos indivíduos. Em resumo, buscamos compreender como o tecido urbano fornece uma imagem poderosa da hierarquia do espaço social, e analisar como a componente racial e de gênero incide nas diversas posições sociais e sua categorização.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar as desigualdades raciais, espaciais e de gênero em Salvador com a variável ocupação, a partir da interseccionalidade de gênero, raça e espaço. Empiricamente analisamos as desigualdades sociorraciais urbanas e de gênero na histórica divisão racial do espaço brasileiro, através do Censo IBGE 2000 e divisão territorial por Área de Expansão Demográfica do mesmo instituto. É central, em nossa metodologia, entender os fatores condicionantes da situação social dos grupos étnicos e femininos que coexistem em Salvador, bem como as relações que mantêm entre si através da estratificação social inscrita no espaço urbano. Compreender as circunstâncias históricas particulares que as engendraram e fazem com que “não sejam duas realidades independentes, mas apenas dois ângulos pelos quais pode ser observada a configuração única e total das relações de classe e raça no Brasil” (PINTO, 1998, p. 87). Neste artigo entendemos classe como: “um conjunto de relações sociais que define uma posição objetiva na sociedade; aquelas relações e essas posições não são fixas e imutáveis, pois mudam com a transformação histórica da organização social da produção” (PINTO, 1998, p. 90).



Quanto à questão espacial, Milton Santos (1985), considera crucial entender a dialética espaço-sociedade que deve ser analisado a partir das categorias estrutura, processo, função e forma, consideradas em suas relações dialéticas. Contudo, as teorias socioespaciais têm ignorado o gênero, a natureza da opressão sexual, assim como as ideologias sexista e racista tem, em geral, ignorado as desigualdades expressas no urbano, na cidade. Em razão destas lacunas, buscamos na nossa análise entender estes fenômenos de forma imbricada e dialética que passa necessariamente por uma crítica feminista sobre o urbano, sobre a cidade patriarcal, assim como das teorias marxistas e anti-racistas. Para trilhar este caminho, analisamos estes fenômenos como estruturantes de relações sociorraciais na cidade-sociedade e como eles se expressam no espaço urbano e suas territorialidades. Nesta perspectiva, pretende-se refletir sobre a questão urbana nas suas dimensões econômicas, políticas, ideológicas e articulação da luta de classes, gênero e raça no espaço urbano como totalidade social para compreender os problemas contemporâneos e seus desafios.

Assim, neste artigo buscamos fazer uma leitura ou releitura crítica sobre estes temas a partir das tentativas teórico-metodológicas atuais de articulação entre as categorias raça, classe e gênero, na perspectiva da divisão racial e sexual do trabalho, dos conflitos produzidos pelos antagonismos espaciais nas relações de produção, as hierarquias espaciais, o papel do Estado e as práxis (LEFEBVRE. Nesta perspectiva pretende-se enfrentar os desafios teórico-metodológicos através da interseccionalidades de gênero, raça e classe para examinar, simultaneamente, o que tem sido pensado sobre os/as descendentes de africanos/as, refletindo também sobre as estigmatizações racistas e sexistas e o que impedem a mobilidade social e processos coletivos e as novas configurações na cidade

Estrutura das ocupações e desigualdades raciais

A discussão sobre qual a variável mais importante para determinar classe social está superada, sobretudo graças ao historiador E. P. Thompson (1987) e ao sociólogo Pierre Bourdieu (2005). Para Bourdieu, os indivíduos possuem uma infinidade de características particulares (sexo, idade, nacionalidade ou etnia, escolaridade, “cor” ou “raça”, rendimento, profissão, religião, origem rural ou urbana, região de origem, patrimônio econômico dos pais, local de residência, etc, etc) e a análise de correspondência permite interrogar concretamente quais as características que mais aproximam os indivíduos e quais características que mais os diferem.

Na análise da estrutura das ocupações na cidade, procuramos investigar as desigualdades existentes, particularmente as derivadas das diferenciações baseadas na condição racial e de gênero



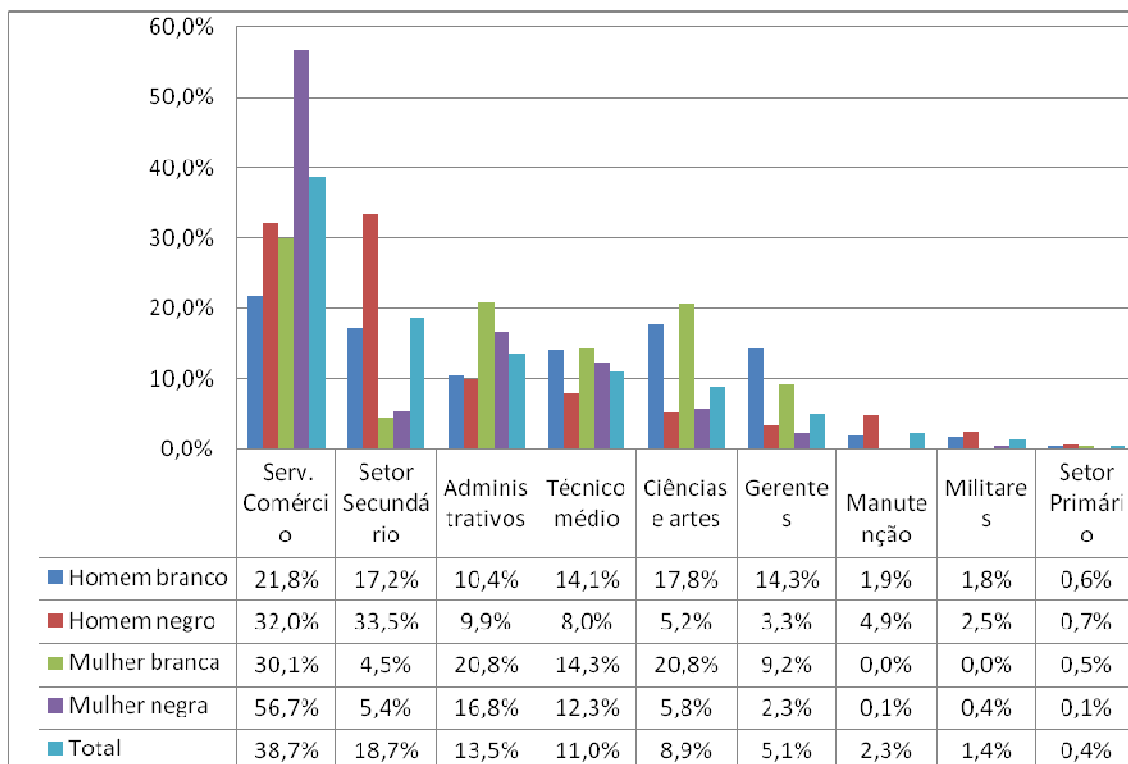
dos trabalhadores e das trabalhadoras. A análise do conjunto da cidade e de seus processos de segmentação social e segregação espacial pode ser vista pelos dados empíricos que apresentamos a seguir. Para analisar a estrutura hierarquizada das ocupações utilizamos as mesmas categorias do IBGE².

A força de trabalho tem características peculiares em Salvador, por ter a maior concentração negra do país. Analisamos as categorias sócio-ocupacionais, a partir da agregação realizada por nós, de uma lista ampla do novo código de ocupações do IBGE/2000 e seu cruzamento com a variável raça e sexo, por Área de Expansão Demográfica (AED). Portanto, a classificação das ocupações obedeceu ao interesse da nossa pesquisa, que tem sua base de dados organizada a partir dos microdados do IBGE, 2000³. Na análise por categorias sócio-ocupacionais por cor ou raça e sexo a Figura 1, mostra que os principais grupos de ocupação no conjunto da cidade de Salvador, estão ligados aos setores de: serviços e comércio, em segundo lugar, o proletariado industrial; em terceiro, trabalhadores (as) de serviços administrativos; quarto trabalhadores (as) do nível médio; quinto das ciências e artes, e, por fim, os gerentes. As categorias ligadas à manutenção e militares, apesar de uma representatividade baixa, faremos uma breve análise devido a importância para os homens negros.

Figura 1 – Hierarquias ocupacionais por cor ou raça e sexo

² O Censo Demográfico 2000 adere à padronização nacional e internacional de classificação de ocupações, uma vez que a Classificação Brasileira de Ocupação – CBO – tem como referência a Classificação Internacional Uniforme de Ocupação – CIUO 88, adaptada para as pesquisas domiciliares. (IBGE, 2000, p. 252, 2000).

³ Segundo o IBGE (2000), entende-se por ocupação, a função, cargo, profissão ou ofício, desempenhado por uma pessoa numa atividade econômica, no trabalho principal, remunerado ou não-remunerado.



Fonte: Elaboração própria, a partir da amostra do Censo 2000 (IBGE).

Proletariado do Setor Terciário

No serviço e comércio, a principal categoria na estrutura das ocupações em Salvador, destacam-se importantes diferenças de gênero e raça. Categoria formada pelos trabalhadores e trabalhadoras dos serviços, vendedores e vendedoras do comércio em lojas e mercados, ou seja, aqueles e aquelas que prestam serviço à coletividade, bem como os que trabalham na intermediação de vendas de bens e serviços (38,7%), as mulheres negras são mais da metade da classe trabalhadora (56,7%), seguidas pelos homens negros (32%), e portanto, é uma categoria negra, sobretudo de mulheres negras. Nesta categoria as mulheres brancas são também significativas e proporcionalmente próximas dos homens negros.

A distribuição geográfica destes trabalhadores, na cidade mostra uma tendência dos trabalhadores brancos de se localizarem nas zonas distantes dos empregos, e os negros de se espalharem mais pelo território. Os trabalhadores brancos desta categoria, em Salvador, se localizam nas AEDs Cajazeira, Palestina e Águas Claras (81) e Nova Constituinte e Parque Setúbal (49) principalmente, enquanto que os negros estão nas AEDs de São Cristovão e Alagados/Baixa do Petróleo; em segunda concentração, espalham-se por quase todo o território soteropolitano. Proletariado do Setor Secundário (GARCIA, 2009).



Proletariado do Setor Secundário

Por outro lado, no setor secundário onde o proletariado industrial (trabalhadores da produção de bens e serviços industriais, inclusive da construção civil) que ocupa a segunda posição na estrutura das ocupações na cidade perfazendo 18,7%, são os homens negros maioria e provavelmente com grande concentração na construção civil (33,5%).

De fato, uma análise da evolução das transformações no mercado de trabalho de Salvador, desde os primeiros passos da industrialização, desenvolvida a partir da Petrobras, nos anos 1950, instalação do CIA em 1960 e o Pólo Petroquímico em 1970, mostra que os negros são expressivos neste segmento, ainda que concentrados nos extratos inferiores. Nos dados da Pesquisa Emprego Desemprego, da Secretaria do Trabalho da Bahia (SETRAB), de 1987-1989, pretos e mestiços representavam 85,8% dos trabalhadores da indústria em geral, 82,9% da metalurgia, 81,1% dos da química e 72,7% da petroquímica (AGIER, 1994). Analisando as relações sociais e raciais, em Salvador, e o caráter limitado e frustrante das transformações no mercado de trabalho, nas décadas de 1960-1980, o autor mostra que esta presença não significa mistura racial, já que no Pólo Petroquímico, por exemplo, os negros ocupam as funções mais desvalorizadas, e em consequência, têm os salários mais baixos. Neste contexto, afirma:

Há, portanto, uma grande probabilidade para a quase totalidade dos trabalhadores negros dessas empresas se sentirem 'peões', tanto pelo fato de ingressar, e ficar, em funções negativamente valorizadas pela ideologia profissional do pólo desenvolvida em torno do Técnico, quanto pelos desencantos experimentados nas relações hierárquicas e no extremo bloqueamento das suas carreiras (AGIER, 1994, p. 7-8).

Esta também é uma categoria majoritariamente masculina onde a presença de mulheres negras e brancas é extremamente baixa (5,4% e 4,5%, respectivamente).

Se para os homens negros, a principal via de inserção no mercado de trabalho, historicamente, esteve vinculada a funções subalternas, para as mulheres negras a condição é mais antiga, limitada e persistente, como mostram estudos mais recentes da questão. O estudo sobre a PEA feminina, com o recorte de gênero, raça e mercado de trabalho, de Denise da Silva e Márcia Lima (1992), conclui, a partir da análise dos dados da PNAD de 1987, e tabulações especiais da PNAD de 1988 (segundo a distribuição setorial e ocupacional, por cor), a existência importantes diferenças no interior da parcela feminina da força de trabalho. As autoras demonstraram que as mudanças ocorridas no processo de redistribuição das mulheres na estrutura ocupacional, ao longo das décadas de 1940 à de 1980, apresentam diferenças significativas, quando acrescenta a variável cor. Elas mostram que, mesmo apresentando taxas superiores de participação no mercado de



trabalho, as mulheres negras são encontradas nos patamares inferiores da estrutura ocupacional, que requerem menor escolaridade e garantem baixos rendimentos.

Espacialmente, os trabalhadores brancos e negros da indústria, em Salvador, se localizam mais nas AEDs situadas ao Norte da cidade, região vizinha aos municípios da RMS - Região Metropolitana de Salvador, onde se localizam o CIA – Centro Industrial de Aratu e o COPEC – Complexo Petroquímico de Camaçari, portanto, principais fontes deste tipo de ocupação. Este fato deve-se, provavelmente, à instalação nesses bairros, dos conjuntos habitacionais, associada à questão da redução do custo dos transportes, considerando-se que a RMS não conta com um transporte de massa, e os trabalhadores se deslocam através de ônibus das empresas. Todavia, uma análise da hierarquização, no interior do proletariado baiano, poderia explicar melhor esta espacialização, já que fazem parte do segmento mais valorizado da classe trabalhadora, mas, infelizmente, não temos em nossos dados esta estratificação. Apesar desta limitação mostram, que em Salvador, o proletariado se encontra nas partes opostas àquelas onde residem os gerentes, categorias intelectuais e burguesia, mostrando claramente onde a hierarquia do espaço social se inscreve nos planos da metrópole (GARCIA, 2009).

Categorias Médias

No setor administrativo (13,5%), composto por trabalhadores e trabalhadoras de serviços administrativos (escriturários e atendimento ao público, exceto técnicos e pessoal de nível superior, subdivididos em dois grupos: 1) os que trabalham em rotinas e procedimentos administrativos internos, e os que atendem ao público; 2) técnicos de nível médio - técnicos polivalentes, ciências físicas, química, engenharia e afins; ciências biológicas, bioquímica, engenharia e afins, predominam as mulheres brancas (20, 8%), seguida com certa distância pelas mulheres negras (16,8%). Nesta categoria verifica-se uma maioria feminina. Contudo, não é possível aqui precisar as posições hierarquicamente organizada deste segmento da força de trabalho feminina, mas, diante das desigualdades no interior deste grupo, provavelmente as mulheres negras ocupam as piores condições como tem sido apontadas em outras pesquisas (SILVA e LIMA, 1992; LOVELL, 1992). É interessante observar que não existe diferenças fundamentais em termos proporcionais entre os homens brancos e negros, mas uma hierarquização no interior deste grupo certamente nos levaria a constatar que os negros ocupam as piores posições como tem sido recorrente em todos os aspectos da vida social, como ocorre com as mulheres negras, que apesar de estar próxima à mulheres brancas, não significa estar em postos de trabalho mais valorizados.



Em relação aos técnicos de nível médio composto por professores leigos e de nível médio; serviços e transportes, ciências administrativas; serviços culturais e outros técnicos do nível médio – que perfazem 11,0%; da força de trabalho, verifica-se que proporcionalmente homens brancos e mulheres brancas são mais significativos (14,1% e 14,3, respectivamente) neste setor, mas as mulheres negras são também uma força importante. Neste caso, os homens negros são minoritários em relação aos outros grupos em termos de gênero e raça. Como tem sido recorrente, mesmo Salvador se situando numa região menos desenvolvida, os brancos têm muitas vezes melhor posição na hierarquia social e espacial do que os negros e negras.

Categoria dos Intelectuais

Na categoria de profissionais das ciências e das artes, ou seja, aqueles cujas atividades principais requerem, para o seu desempenho, conhecimentos profissionais de alto nível, e experiência em ciências físicas, biológicas, sociais e humanas, e no grupo das artes, em que há profissionais com as mesmas características intelectuais dos grupos anteriores, a exemplo de maestros, músicos, dentre outros, e, portanto, abrange o segmento com maior capital educacional, há diferenças significativas entre brancos e negros, brancas e negras. Nestas ocupações na cidade, a mulher branca é proporcionalmente mais importante (20,8%), contra apenas 5,8% da mulher negra, caracterizando bem a hierarquia e desigualdade no interior do segmento feminino. No grupo masculino a diferença racial é igualmente significativa considerando que os homens brancos são 17,8% dessa categoria, enquanto os homens negros são apenas 5,2%.

Segundo Garcia (2009) no que se refere à distribuição geográfica dos intelectuais de Salvador, verifica-se a concentração, principalmente, nas AEDs 25 (Chame-Chame, Jardim Apipema e Morro do Gato), 22 (Rio Vermelho e Parque Aguiar), 17 (Itaigara, Caminho das Árvores e Iguatemi) e 18 (Pituba e Parque Nossa Senhora da Luz), e os negros nas AEDs 16 (Armação, Costa Azul, Stiep e Conjunto dos Bancários), 17 (Itaigara, Caminho das Árvores e Iguatemi), 18 (Pituba e Parque Nossa Senhora da Luz), 24 (Graça) e 25 (Chame-Chame, Jardim Apipema e Morro do Gato), isto é, áreas majoritariamente brancas que concentram todos os tipos de capital: social, intelectual, econômico e político.

Grupos Dirigentes: Gerentes

A categoria gerente que é composta pelos dirigentes de empresas e organismos públicos e privados, é uma categoria de brancos que são 14,3% dos 5,1% da estrutura ocupacional, ma é também das mulheres brancas que ocupam a segunda posição com 9,2%. Neste categoria a distância



de classe e raça são evidentes, já que tanto os homens negros que tem uma distância de mais de 10 pp para os homens brancos e quase 6 pp para as mulheres brancas, quanto as mulheres negras (2,3%). Comparativamente, a mulher negra tem ampla desvantagem em relação a todos os grupos, mas, evidentemente entre os brancos e brancas que tem posição muito superior. Nesta categoria, portanto, as desigualdades de classe, de gênero sobretudo de raça são evidentes. Portanto, o perfil racial desta categoria apresenta grandes desigualdades raciais em Salvador, supostamente “paraíso racial”. As ordens no trabalho empresarial continuam a ser dadas, em sua maioria, por descendentes dos antigos senhores de escravos ou por descendentes de imigrantes europeus, mesmo no caso da cidade mais negra fora da África.

Ainda de acordo com GARCIA (2009), a distribuição espacial dos gerentes, em Salvador, mostra que os brancos estão mais concentrados nas AEDs 2 (Patamares, Pituçu e Piatã), 14 (Imbuí), 23 (Barra e Barra Avenida), 69 (Candeal e Horto Florestal de Brotas), e os negros nas AEDs 25 (Chame-Chame, Apipema, Morro do Gato) e na AED 6 (Stella Maris e Aeroporto). Aparentemente, os negros gerentes tendem a residir em áreas de *status* médio e superior. Mas como vimos, é grande a desigualdade entre brancos e negros nesta ocupação, e além disso, por esta metodologia, só indiretamente podemos saber se eles pertencem à categoria de gerentes das categorias superiores, já que nestas AEDs existem bairros na categoria operário-popular. De qualquer forma, mesmo quando em grupos sociais superiores do espaço social, os negros tendem a residir, majoritariamente, nas áreas limites, ocupadas por brancos do mesmo estrato social.

Portanto, a segregação urbana, na metrópole se caracteriza pela concentração espacial dos segmentos das classes superiores (empregadores, intelectuais e gerentes), principalmente nos espaços mais elevados da hierarquia sócioespacial, que também apresentam a divisão racial do espaço em quase todas as classes e frações de classes.

As ocupações relacionadas à manutenção em Salvador são negras (4,9%) e masculinas, onde os homens brancos ocupam a segunda posição. Também nas ocupações militares⁴, os negros são maioria em Salvador (2,5%). Isso mostra que para os negros é uma forma importante de inserção no mercado formal dos empregos, ainda que, em geral, estejam confinados na baixa hierarquia militar, sobretudo como soldados, com pouquíssimas exceções.

Esta é também uma categoria negra e masculina, onde as mulheres são ausentes, sobretudo as mulheres brancas, pois as mulheres negras tem uma pequena participação. Não surpreende que seja uma categoria masculina e negra, embora nos últimos anos as mulheres tenham feito

⁴ Os militares, para efeito desta análise, são uma categoria composta por ocupações vinculadas às Forças Armadas e às forças policiais (da Aeronáutica, do Exército, da Marinha e ainda policiais militares e bombeiros militares)



importante movimento na ocupação destes espaços, que esta pesquisa não atualizou por tratar-se de dados do censo 2000. Negra porque historicamente, os militares constituem uma categoria muito importante para os homens negros, principalmente, por representarem uma possibilidade de ascensão social e política, desde o século XVI, no processo de conquista das terras brasileiras pelos colonizadores, se criou um sistema de defesa contra dois inimigos: os índios e os estrangeiros ambiciosos. Para Arthur Ramos [19--], p.163): “A história militar do Brasil, desde a colonização até agora, terá de destacar as contribuições dos homens da raça negra”. A importância da participação dos escravos na luta pela Independência, em troca de sua liberdade, pode ser avaliada pela Carta da Liberdade para os Combatentes da Independência. Este processo, como uma das vias de conquista da liberdade, também pode ser verificado no Decreto no. 3725-A, de 6 de novembro de 1866, assinado pelo Imperador. Segundo este decreto assinado por Zacarias de Gois e Vasconcelos: Hei por bem que, aos escravos da nação, que estiverem nas condições de servir ao Exército, se dê gratuitamente liberdade para se empregarem naquele serviço; e, sendo casados, estenda-se o membro o benefício às suas mulheres. Zacarias de Gois e Vasconcelos, do meu Conselho, senador do Império, presidente do Conselho de Ministros, etc, assim o tenha entendido e faça executar. Palácio do Rio de Janeiro, aos seis dias de novembro de mil oitocentos e sessenta e seis quadragésimo quinto da Independência e do Império. Com rúbrica de Sua Majestade o Imperador’⁵

As tendências expressas na nossa pesquisa a sobre a inserção no mercado de trabalho parecem indicar, mais uma vez que, que a ocupação está ligada à idéia de superioridade de status, os negros, mas sobretudo as negras, vão se tornando minoria, mesmo em ocupações menos valorizadas socialmente. Portanto, a segmentação no mercado de trabalho e a segregação urbana da metrópole soteropolitana, se caracteriza pela concentração espacial dos segmentos das classes superiores (empregadores, intelectuais e gerentes), principalmente nos espaços mais elevados da hierarquia sócioespacial, que também apresentam a divisão racial do espaço em quase todas as classes e frações de classes.

Em suma, as hierarquias ocupacionais revelam a predominância dos brancos e brancas nas categorias mais valorizadas, como gerentes e intelectuais, onde a minoria branca domina largamente estes segmentos do mercado de trabalho. A força da segregação, por ocupação, na capital baiana é muito expressiva. A desigualdade também se dá nas categorias médias, ainda que de forma menos expressiva, uma vez que, nestas categorias negros e negras tem, comparativamente, distâncias menores. Do outro lado, os negros, sobretudo as mulheres negras são amplamente majoritários no

⁵ In: Carneiro [19--, p.42.]



proletariado do serviço e comércio. Contudo, o recorte de gênero revela as diferenças, já que as mulheres são minoritárias, na indústria. Neste sentido, a conclusão de Costa Pinto na década de 1950, de que a trajetória do negro chega, no máximo, a passar “de escravo a operário”, e mesmo assim, com grandes desigualdades, no interior da classe trabalhadora. Com o recorte de gênero, evidencia-se um problema maior. A ascensão das mulheres negras para chegarem a uma posição mais valorizada neste sistema é mais desafiador. Todo o intenso processo de urbanização e de industrialização do século XX não esteve associado à atenuação das dissimetrias e das hierarquias de mando, entre descendentes dos senhores e descendentes de escravos.

Apesar da distância temporal do estudo de Costa Pinto, ele tem uma impressionante atualidade, quando analisa a fração mínima da população ‘de cor’, no Rio de Janeiro, que ascendeu na escala social, com ‘honrosas exceções’:

(...) como minoria ínfima que constituem, simbolizam muito mais e melhor a envergadura e proporções das barreiras, materiais umas, subjetivas outras, que tiveram e têm que vencer os homens de cor neste País para furarem as linhas e, por um caminho de pedras, alcançarem o padrão social dos grupos dirigentes. Não é por mera coincidência que tais ‘honrosas exceções, sobreviventes bem-sucedidas da grande luta pela ascensão social, pingam quase que à razão de uma por geração (PINTO, 1998, p. 97).

Embora este estudo tenha uma distância temporal (mais de meio século), mostra uma realidade persistente, que os estudos atuais sobre as desigualdades raciais também têm revelado. A cristalização dos mecanismos de produção das exceções, em quase todos os aspectos da vida social brasileira, é a evidência de que as desigualdades não serão superadas com a retórica da igualdade. As razões históricas já apontadas e as discriminações contemporâneas, o desenvolvimento, tal como tem se realizado, parecem contribuir significativamente com este quadro de poucas transformações. Desta forma, à medida que a estratificação tem correspondência com a segmentação social e segregação urbana, a divisão do trabalho contemporâneo ainda se dá na mesma lógica que preside a estrutura social: hierarquização social, racial e espacial dos indivíduos, através de sua localização no espaço físico da cidade.

Conclusões

A análise aqui desenvolvida baseou-se também nas variáveis espaciais onde a maior parte do marco teórico feminista e dos movimentos negros também tem sido pouco esclarecedor. Nesse contexto, a abordagem da interseccionalidade neste estudo tem permitido analisar as desigualdades nas várias dimensões. Ou seja, a prática desigual de uso do espaço urbano entre homens e mulheres, negros e brancos permite fazer uma reeleitura sobre a cidade, as relações de gênero, relações raciais e relações de classe contribuindo para a reelaboração de práticas sociais, práticas de planejamento,



práticas de pesquisa que tornem a cidade mais humana. Os dados da nossa pesquisa sobre a estrutura ocupacional da cidade, tem revelado que os espaços mais inferiores da hierarquia socioocupacional e socioespacial de Salvador apresenta importantes contradições de gênero, de raça e de classe colocando a maioria negra, homens e principalmente mulheres negras, de um lado, e em vários aspectos, as mulheres brancas e principalmente os homens brancos em melhores condições urbanas, do outro. A pobreza urbana em geral e de Salvador, em particular, é majoritariamente negra e feminina. As desigualdades raciais, de gênero, intra-gênero e espaciais, evidenciam a necessidade de tratar estes fenômenos de forma multifacetada. Assim, a análise da estrutura urbana capitalista, analisada em múltiplas dimensões possibilita compreender o papel relevante do espaço na explicação das desigualdades urbanas em suas simbioses, assim como as questões contemporâneas colocadas pelas lutas anti-racistas e anti-sexistas.

Embora nossos dados mostrem diferenças e desigualdades entre mulheres brancas e mulheres negras e nossas análises contribuam para dar mais visibilidade à situação das mulheres da periferia, particularmente da mulher negra, o que dá uma abrangência social maior na compreensão da cidade como um todo, não podemos esquecer que existe uma opressão milenar comum a todas as mulheres e, conseqüentemente, elas têm uma agenda comum na luta contra a referida opressão.

Com a ampliação e promoção da diversidade e da democracia no Brasil, assim como nas Américas, o combate ao racismo, ao sexismo, à discriminação racial, à xenofobia e demais formas de intolerâncias tem crescido e contribuído para que o Estado, no caso brasileiro tenha assumido nos últimos anos as reivindicações de movimentos, negros, feministas, de moradores tanto políticas públicas universalistas como específicas. Assim é que na luta pela igualdade de gênero e raça foram criadas em 2003 as Secretarias Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e Secretaria Políticas para Mulheres (SPM), tem proporcionado avanços das políticas públicas de enfrentamento ao racismo e ao sexismo, respectivamente. Também os movimentos sociais urbanos que têm base e em parte direção de mulheres e negros, e portanto, podem ser protagonistas do pensar e organizar a cidade ao feminino e na perspectiva dos interesses da maioria negra, buscando a superação de todas as formas de opressão da e na cidade desigual, patriarcal e racista.

Por fim, na fase atual do capitalismo, onde as relações de trabalho, relações sociais, de gênero, de raça, de classe e espaciais têm mudado muito, com fenômenos mais globais, e Milênio onde dialeticamente em as contradições estruturais do sistema tem expressões de nível urbano exige-se dos sujeitos sociais alternativas globais para seu enfrentamento, ou seja, construção de instrumentos internacionais de luta por um mundo com outro marco civilizatório



como propõe-se o Fórum Social Mundial. Na mesma perspectiva Havey ⁶ propõe que o Direito à Cidade seja uma exigência popular internacional. Assim, os movimentos sociais como sujeitos sociais devem consolidar um caminho de transformação do Estado-sociedade, construindo de maneira consistente a contra-hegemonia.

Bibliografia

AGIER, Michel. “Classe ou Raça”? socialização, trabalho e identidades opcionais. In: *Bahia Análises & Dados*. CEI. O Negro. Salvador, v.3, n.4, p. 7-13, mar, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1983.

CASTELLS, Manuel; JORDI Borja. *La ciudad multicultural*. La Factoria, n.2. [s.l] 1997. Disponível em: <http://www.lafactoriaweb.com/articulos/borjcas2.htm> . Acesso em 20 de maio de 2004

COSTA, Ana Alice A. *As donas no poder*. mulher e política na Bahia. Coleção Baianas/NEIM/FFCH/UFBA, Salvador, 1998

DURAN, María Angeles. *La ciudad compartida*. Edita: Instituto Juan de Herrera. Av. Juan de Herrera 4. 28040 MADRID. ESPAÑA. ISSN: 1578-097X

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus, 1965.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro, Olympio, 1968 4ª. Ed

GARCIA, Antonia. *As mulheres da cidade d’Oxum: relações de gênero, raça e classe e organização do movimento de bairro em Salvador*. Salvador. EDUFBA, 2006.

GARCIA, Antonia. *Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais: Salvador, cidade d’Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogum*. Garamond, Rio de Janeiro, 2009

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro. Marco Zero, 1982

HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo. Edições Loyola, 1992.

HARVEY, David. *Discurso de abertura na Tenda de Reforma Urbana*. Forum Social Mundial. Belém, 2009.

HASENBALG, Carlos & SILVA, Nelson do Valle. *Relações raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed. IUPERJ, 1992.

LEFEBVRE, H. *A cidade do capital*. DP&A. Rio de Janeiro, 1999.

LOVELL, Peggy A. *Raça, classe, gênero e discriminação salarial no Brasil*. Estudos Afro-Asiáticos, (22): 85-98, set/1992.

⁶ Discurso de abertura sobre reforma urbana no Fórum Social Mundial, Belém 2009.



MARTINEZ, Ana, S, MOYA, Juana, M. R. & MUÑOZ, Maria. A. D. *Mujeres , espacio y sociedad*: Hacia una Geografía de Género. Síntesis, Madrid, 1995.

MASSOLO, Alejandra. *Mujeres y ciudades: participação social, vivienda y vida cotidiana*. El Colegio de México, 1992.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. Nobel. São Paulo, 1985.